REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 7, n. 3, ago-dez. 2021.
Missões

O GOVERNO DE SI E DO OUTRO EM CLIPES DE PABLLO VITTAR

EL GOBIERNO DE SU Y DOS OTROS EN VIDEOCLIPS DE PABLLO VITTAR

THE GOVERNMENT OF YOU THE SELF AND OTHER IN PABLLO VITTAR'S CLIPES

Recebido em: 25/10/2021
Aceito em: 10/01/2021

Claudemir Sousa[1]
Francisco Vieira da Silva[2]

Resumo: Neste artigo, partimos das lições de Foucault acerca da arte de governar como uma multiplicidade de formas de gerenciamento de si mesmo, do outro, dos bens, do estado ou de outros fenômenos, para compreendermos como ocorre o governo de si e do outro em clipes de Pabllo Vittar. O objetivo é analisar o modo de enunciar o cuidado com a saúde sexual para a população LGBTQIA+ e as condições de emergência desse discurso. Para tanto, selecionamos dois videoclipes de Pabllo, que são "Corpo sensual" (2017) e "Seu crime" (2019). A discussão será empreendida com base nos estudos discursivos foucaultianos (FOUCAULT, 1999a, 1999b, 2002, 2007, 2008, 2009, 2013a, 2013b, 2013c) e nos estudos de gênero e sexualidade (LOURO, 2001; BUTTLER, 2000). A metodologia utilizada é a análise enunciativa de Foucault (2008). Concluímos que o governo de si e do outro é empreendido nos clipes analisados por intermédio de práticas discursivas que se inserem na ordem do discurso da saúde pública e nas estratégias do *marketing*.

Palavras-chave: Governamentalidade; Corpo; Cuidado; LGBTQIA+.

Resumen: En este artículo partimos de las enseñanzas de Foucault sobre el arte de gobernar como una multiplicidad de formas de gestionarse a sí mismo, el otro, para comprender cómo se da el autogobierno de si y sobre el otro en videoclips de Pabllo Vittar. El objetivo es analizar el modo de enunciar el cuidado de la salud sexual para la población LGBTQIA + y las condiciones de emergencia de este discurso. Para ello, seleccionamos dos videoclips de Pabllo, los cuales son "Corpo sensual" (2017) y "Seu crime" (2019). La discusión se realizará a partir de los estudios del discurso de Foucault y de los estudios de género y sexualidad (LOURO, 2001; BUTTLER, 2000). La metodología utilizada es el análisis enunciativo de Foucault (2008). Concluimos que el gobierno de si y del otro que se exhiben en los videoclips analizados muestran prácticas de enunciados insertadas en el orden discursivo de salud pública y en las estrategias de *marketing*.

Palabras-chaves: Gobernabilidad; Cuerpo; Cuidado; LGBTQIA +.

Abstract: In this article, we follow Foucault's (2013a) lessons about the art of government as a multiplicity of ways to conduct itself, others, to understand the exercise of the government of the self and others in Pabllo Vittar's video clips. The aim is to analyze the way of to announce the care of the sexual health for the LGBTQIA+ population and the conditions for the emergency of this discourse. For that, we selected two video clips from Pabllo: "Corpo sensual" (2017) and "Seu crime" (2019).The discussion will be based in the foucautians discursive studies and in the approaches of the gender and sexuality. The methodology used is the enunciative analysis, by

[1] Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Júlio de Mesquisa Filho (UNESP). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5318-5040. E-mail: claudemir201089@hotmail.com
[2] Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4922-8826 E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Foucault (2008). We conclude that the government of the self and the others is made in the clips with discursive practices that are inserted in the discourse of the public health and the marketing strategies.

Keyword: Governamentality; Body; Care; LGBTQIA+.

INTRODUÇÃO

Em entrevista concedida à revista Vogue, reportada na edição digital pela jornalista Alessandra Codinha, do portal Globo, Pabllo Vittar enuncia acerca do seu trabalho como cantora, compositora e *drag queen* e do impacto desse trabalho junto aos fãs ou pessoas que, eventualmente, ouvem suas músicas. Essa modalidade enunciativa (FOUCAULT, 2008) deixa entrever um sujeito consciente do seu poder de gerenciamento de vidas e de que essa ação perpassa aspectos psicológicos e sociais.

Ao enunciar desse lugar de sujeito que gerencia vidas, Pabllo também lança luz em um fenômeno recorrente da contemporaneidade, a saber: a influência digital, ou seja, um poder de governar sujeitos, instando-os a consumirem determinados produtos, serviços e comportamentos sociais, inclusive a felicidade, um dos alvos da ação do biopoder na sociedade de normalização (FOUCAULT, 1999a; 1999b), em que muitos sujeitos enfrentam processos de adoecimento físico, mental, crises de ansiedade e quadros de depressão, tonando urgente a submissão à ordem do discurso (FOUCAULT, 2007) da saúde e do bem-estar.

A dispersão desse poder de engajamento possibilitado pelas mídias sociais digitais fez a cantora emergir para um grande público. Na grande mídia, ela integrou a banda do programa "Amor e Sexo", da TV Globo, apresentado por Fernanda Lima, até 2016. Em 2015, Pabllo lançou seu primeiro grande sucesso de visualizações no *YouTube*, que foi o clipe da música "*Open bar*", versão da música "*Lean on*", de Major lazer e Dolby Atmos com o DJ Snake, seguido de outros. O clipe de música da cantora que a tornou mais conhecida foi "K.O.", lançado em 19 de abril de 2017, acendendo os holofotes sobre uma *drag queen* cantora, oriunda do Nordeste, gerando, também, uma onda intensa de debates.

Por um lado, Pabllo passou a ser acolhida e serviu de inspiração para pessoas que se sentiam representadas por ela. Uma reportagem, de Leonardo Torres, hospedada no *site* "Pop line", mostra a influência de Pabllo entre o público infanto-juvenil, o que representaria uma possibilidade de quebra do preconceito com *drag queens* e pessoas Gays, Lésbicas, Transexuais, Travestis, *Queers*, Intersexuais e Assexuais (LGBTQIA+) no Brasil, de modo a ter-se esperança de um futuro mais inclusivo e menos discriminador (POP LINE, 2018, *online*).

Por outro lado, Pabllo representa o abjeto (BUTTLER, 2000), para muitos sujeitos que se posicionam de modo mais conservador. Noutros termos, trata-se de um ser que não goza da

condição de sujeito e que deve permanecer na invisibilidade, para que seja possível a existência de quem reivindica para si a condição de "cidadão de bem" e de "membro da família tradicional".

Entretanto, esse embate não foi suficiente para eclipsar o poder de Pabllo de agregar visualizações e audições, característico de uma sociedade em que a lógica do panóptico[3] (FOUCAULT, 2013b) está invertida, insto é, em que o campo da visibilidade é o lugar habitado por um sujeito que deseja mais e mais olhares em sua direção, não individualizando esses olhares vigilantes sobre quem exerce poder de conduta.

Alguns dados nos ajudam a comprovar o exercício desse poder de engajamento artístico pela *drag queen*: Pabllo Vittar se inscreveu no *YouTube* em 26 de setembro de 2013 e já possui 6 milhões e 85 mil inscritos no seu canal, além de 1.524.789.329 de visualizações nos seus vídeos, só no seu canal oficial do *YouTube*, de onde retiramos esses dados. Há muitos canais feitos por fãs, além de vídeos musicais não oficiais e outras entrevistas e participações dessa artista em produções de outrem, que agregam *views*.

O seu primeiro clipe, de "*Open bar*", alcançou 1 milhão de visualizações em um mês de lançamento, número considerado alto para um artista novo. O segundo álbum de estúdio, "Não para, não", lançado em 2018, foi o mais ouvido no Brasil nas primeiras 24 horas de lançamento, conforme dados biográficos do canal da artista. Os clipes das duas músicas que analisaremos aqui, "Corpo sensual" e "Seu crime", contam, até o momento, com 303.276.011 e 25.367.075 visualizações, respectivamente.

Em outras mídias sociais, a artista também mobiliza público exponencial: possui 10 milhões e 800 mil seguidores na rede social *Instagram*, 1 milhão no *Twitter*, no qual ingressou em agosto de 2010, e 4 milhões, 182 mil e 055 ouvintes mensais no *Spotify*, serviço de *streaming* de música e vídeo *online* e *offline*.

Além desse campo de visibilidade artístico-musical, a cantora realiza *shows* lotados, estampa capas de revista e já participou de grandes festivais de música, como Coachella, Lollapalooza e Rock in Rio. Esse poder de Pabllo Vittar de conduzir a conduta musical das pessoas consiste em uma das facetas do governo (FOUCAULT, 2013a). Motivada por ele, a

[3] O Panóptico de Bentham foi uma proposição de um mecanismo de controle e vigilância para disciplinar as prisões, poder exercido na invisibilidade. Trata-se de uma arquitetura formada por uma construção em forma de anel na periferia e uma torre central, com longas janelas que se abrem para a face interna do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma com duas janelas, uma para o exterior e outra para o interior, correspondente à torre central. A presença de um vigia na torre central possibilitaria ver cada um em sua cela sem que o vigia seja visto.

revista *Time* a elegeu, junto a outras nove personalidades, uma das líderes da nova geração, em 2019, com foco, principalmente, no seu poder de luta pela igualdade de direitos para a população LGBTQIA+.

A matéria da *Time* foi explorada por outras publicações brasileiras, que mencionam como Pabllo usa suas plataformas digitais para dar luz a aspectos socioculturais e políticos do Brasil, além da finalidade musical (HUGO GLOSS, 2019, *online*). Pabllo é um sujeito que governa a si e ao outro musical e politicamente, na luta por direito para a população LGBTQIA+.

Em uma reportagem do jornal *online* "Amazonas Atual", Pabllo é situada como alguém que influencia condutas em diferentes espaços de sociabilidade, enunciando-se, também, pelo exercício de um poder pastoral (FOUCAULT, 2009), cuja função é salvar vidas, como segue: "seja no Carnaval do Rio ou na sede da ONU (Organização das Nações Unidas), Pabllo usou sua influência para se manifestar contra os perigos a que a população LGBTQ+ está exposta. 'Se falar me colocará em um lugar arriscado, vamos todos morrer tentando' " (AMAZONAS ATUAL, 2019, *online*).

Além de se enunciar como sujeito consciente do seu governo sobre outras vidas, Pabllo deixa entrever os riscos dessa mesma enunciação de si, que inclui a morte, por implicar modificações na conduta do outro, tencionando as bases de uma sociedade conservadora, na qual morrem centenas de pessoas LGBTQIA+ por homofobia.

Dessa maneira, Pabllo Vittar é um sujeito que governa e que utiliza sua visibilidade e audibilidade nas mídias sociais digitais para conduzir a conduta musical das pessoas, a forma como ouvem música em diferentes plataformas, mas também conduz a conduta social, política e cultural das pessoas, dada a sua posição de sujeito LGBTQIA+ que influencia esse grupo a se orgulhar de ser que é. Em 2018, Pabllo foi uma das pessoas que mobilizaram a #EleNão, nas redes sociais, contra o então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro, declaradamente contrário aos direitos LGBTQIA+.

Em vista dessa demonstrada influência, neste artigo discutimos o governo de si e do outro em dois *videoclipes* de Pabllo Vittar, que são: "Corpo sensual", de 2017, e "Seu crime", de 2019. O objetivo é analisar de que modo se enuncia o cuidado com a saúde sexual para a população LGBTQIA+ e as condições de emergência desse discurso em relação a esses sujeitos, neste momento da história, e não outro em seu lugar (FOUCAULT, 2008).

Para tanto, mobilizamos as discussões de Foucault (2013a) acerca da arte de governar e suas múltiplas formas, focando, especificamente, no gerenciamento de si mesmo e do outro.

Também recorremos a outras teorizações dos estudos discursivos foucaultianos (FOUCAULT, 1999a, 1999b, 2002, 2007, 2008, 2009, 2013a, 2013b, 2013c, 2019), acerca do discurso, do enunciado, do poder e da sexualidade, bem como aos estudos de gênero e sexualidade de Louro (2001) e Buttler (2000).

A metodologia utilizada é a análise enunciativa de Foucault (2008), baseada nos princípios da dispersão, da descontinuidade, da regularidade e do campo associado, que permitem analisar enunciados dispersos segundo as relações que mantêm, em sua historicidade e na singularidade de sua existência material.

No plano de texto, este trabalho estrutura-se do seguinte modo: na seção que segue, discutiremos os pressupostos de Foucault que nos auxiliarão nas análises. Em outra seção, que a seguirá, serão apresentadas considerações históricas acerca do gênero e da sexualidade e sua interface com os discursos da saúde sobre o "sexo seguro". Posteriormente, serão realizadas as análises dos dois vídeos e, por fim, apresentamos as discussões finais.

CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FOUCAULTIANOS PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

O aporte teórico que mobilizamos para a realização deste estudo reside nas contribuições de Foucault para a Análise do Discurso (AD), campo já plenamente assentado no Brasil na área de linguagem, dada a longevidade dessa investigação, a vasta produção bibliográfica existente, além de sua institucionalização em programas de Pós-Graduação, Grupos de Trabalhos e de estudos/pesquisa.

Foucault desenvolveu uma teoria do discurso que depois foi transformada em disciplina, a despeito de suas negativas feitas em alguns dos seus trabalhos a esse respeito. A perspectiva arqueogenelógica do discurso, elaborada a partir dos estudos de Foucault, assinala as condições históricas de existência dos discursos em sua dispersão e segundo as regularidades que mantêm para investigar os "diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos" (FOUCAULT, 2009, p. 273).

Essa investigação considera, de modo não estanque, as discussões empreendidas em três momentos das suas análises, assinaladas pelo próprio Foucault (2009) e, posteriormente, denominados, didaticamente, por Gregolin (2004), entre outros, como as três épocas de Foucault, que são: a arqueologia, na qual são analisados os modos de objetivação do sujeito por saberes; a genealogia do poder, em que Foucault se voltou para as "práticas divisoras", que

objetivam os sujeitos por mecanismos de poder; e a genealógica da ética, em que ele analisou os modos de subjetivação por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo.

Do primeiro momento, gostaríamos de destacar as questões metodológicas da análise enunciativa. Foucault (2008, p. 98) concebe o enunciado a partir de quatro características que o diferenciam de três elementos linguísticos, que são a proposição, a frase e o ato de linguagem. A primeira característica é o referencial do enunciado, que são as suas leis de possibilidade, o campo no qual ele surge. A segunda é o fato de que ele "mantém com um sujeito uma relação determinada" (FOUCAULT, 2008, p. 103-104), consistindo esse sujeito nas posições possíveis de serem ocupadas em uma série nunciativa. A terceira característica é o campo associado no qual o enunciado se realiza, que delimita sua relação com a história. A última característica é que o enunciado necessita ter uma existência material, que lhe garante uma singularidade e uma repetição, caracterizando-o por um regime de materialidade repetível.

Estamos considerando, aqui, os dois vídeos como enunciados, cuja materialidade é audiovisual, organizada em torno do conjunto material que lhe dá contorno: imagem, som, movimentos de câmera, enquadramento, ângulo e disposições dos corpos em ângulos, conforme a morfologia descrita por Milanez (2019).

A análise enunciativa proposta por Foucault (2008) busca as condições nas quais se produziu um enunciado, dentro de um campo de coexistência. Ela se ocupa de enunciados efetivamente produzidos, levando em conta um efeito de raridade, que procura determinar por que apareceu este enunciado, e nenhum outro em seu lugar, já que nem tudo é sempre dito, e os enunciados estão sempre em falta, devendo-se buscar o princípio da rarefação no não-preenchimento das formulações possíveis. A análise enunciativa se faz, portanto, em sua raridade e segundo a sua dispersão e regularidade.

Quanto às formulações de Foucault (2009) da genealogia, situaremos o problema do poder, que nos conduzem ao tema do governo e do gerenciamento da vida. O poder é investigado em seu funcionamento, questionando "como" ele coloca em jogo relações entre pessoas e designa relações entre parceiros.

O que se compreende por poder é um modo de ação de uns sobre outros. Por essa razão, o poder está em toda parte, pois é produzido constantemente, em todas as relações, sendo exercido em diversos pontos de modo desigual. Essas relações de poder não são exteriores às outras formas de relações e sim imanentes a elas. Ao mesmo tempo, em toda rede de poder existem resistências possíveis e necessárias.

Essas relações de saber-poder se articulam justamente no discurso, concebido como um conjunto de segmentos descontínuos (FOUCAULT, 2009). O exercício das relações de poder é correlato do governo, tema que Foucault (2013a) investigou em diversos textos e outros ditos e escritos. Segundo esse autor, a preocupação com a arte de governar aparece no século XVI, em diferentes formas, desde a religiosa, o governo das crianças, em sua forma pedagógica, até o Estado pelo soberano.

Na literatura de tratados de governo anti-Maquiavel, governar refere-se a "governar uma casa, almas, crianças, uma província, um convento, uma ordem religiosa, uma família" (FOUCAULT, 2013a, p. 411). A prática de governar é múltipla e pode ser exercida por variados agentes, como o pai de família, o pedagogo e o professor. O governo do Estado é uma modalidade entre tantas outras formas, no interior da qual todas as demais estão contidas. Por essas razões, compreendemos aqui que Pabllo Vittar exerce um poder de governar a partir de sua influência, visibilidade e audibilidade.

Foucault (2013a) cita um texto de François de La Mothe Le Vayer, do século XVII, segundo o qual há três tipos de governo, cada um se referindo a uma forma de ciência ou de reflexão: governo de si mesmo (moral), da família (economia) e do Estado (política). Há também uma continuidade entre tais tipos, pois aquele que quer ser um bom governante para o Estado, primeiro deve saber se governar e ser um bom chefe de família, do mesmo modo que o Estado bem governado é aquele em que os pais de família sabem governar sua casa e os indivíduos se comportam como devem.

A finalidade do governo, *grosso modo*, é dispor as coisas de um modo correto para conduzi-las a um objetivo adequado a cada uma: fazer com que se produza mais riqueza, com que se forneçam às pessoas meios suficientes de subsistência. O que se entende por "[...] dispor as coisas" é "[...] utilizar mais táticas do que leis, ou utilizar ao máximo as leis como táticas" (FOUCAULT, 2013a, p. 418), ou seja, de modo menos oneroso e menos visível possível.

Durante o século XVI e até o século XVIII, a arte de governar esteve limitada à forma de soberania e era apoiada no modelo familiar. Com a expansão demográfica no século XVII, em que emerge o problema da população, a noção de economia será centrada na Estatística, que vai revelar as características próprias da população e os fenômenos que não se reduzem à família: o número de mortos, de doentes, regularidade de acidentes, etc.

Desaparece a família como modelo de governo, passando a ser um elemento interno e privilegiado da população, já que é dela que se parte para traçar dados de todo o corpo

populacional. Assim, o objetivo final do governo passa a ser a população, cuja saúde, riqueza e duração de vida se deve aumentar. Para atingir isso, o governo deve usar como instrumentos

Campanhas, através das quais se age diretamente sobre a população, e técnicas que vão agir indiretamente sobre ela e que permitirão aumentar, sem que as pessoas se deem conta, a taxa de natalidade, ou dirigir para uma determinada região ou para uma determinada atividade os fluxos da população (FOUCAULT, 2013a, p. 425).

Assim, no século XVIII, ocorre a passagem de um modelo de governo da soberania para uma forma política dominada pelas técnicas de constituição de um saber relativo aos fenômenos próprios à população. Vivemos, desde o século XVIII, na era da governamentalidade, entendida esta palavra como, entre outras coisas, como:

> A tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes (FOUCAULT, 2013a, p. 429).

De acordo com Foucault (2009), o desenvolvimento do Estado como estrutura política fez surgir uma forma de poder ao mesmo tempo individualizante e totalizadora, que utiliza técnicas de poder das instituições cristãs (pastoral), representado pela figura do pastor. Esse poder pastoral mudou de objetivo e agora não quer mais salvar a vida no outro mundo, e sim neste: garantir saúde, segurança, bem-estar, com base na Medicina, que tem o hospital como instituição que objetiva produção de conhecimento sobre o homem como população e indivíduo. Esse poder também passou a ser exercido por aparelhos do Estado, como a polícia, ou instituições privadas e filantrópicas, se disseminando por todo o corpo social, o que nos faz afirmar que Pabllo também o exerce.

O poder do soberano sobre a morte sofreu transformações na Época Clássica, dando lugar a uma forma de poder que visa gerir a vida. Foucault (1999a; 1999b) situa no século XVIII o desenvolvimento do biopoder, um poder sobre a vida que se organiza em torno das disciplinas do corpo e das regulações da população. É com essa forma de poder que se desenvolvem técnicas diversas de sujeição e adestramento dos corpos e de gestão e controle das populações. Proliferam tecnologias políticas que investem sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida, etc., que constituem a biopolítica da espécie humana.

Para que ela seja efetiva, mobiliza-se a medição estatística desses fenômenos, como forma de produzir um saber sobre os alvos de controle do biopoder. Com a biopolítica, introduz-se uma medicina social que terá como função a higiene pública, através de campanhas de aprendizado e medicação da população. É desse mecanismo que Pabllo Vittar lança mão para se constituir como sujeito que governa e exercer relações de poder sobre a saúde sexual dos sujeitos LGBTQIA+, como discutiremos em outra seção. Adiante, trataremos das questões de gênero e sexualidade.

SOBRE A SEXUALIDADE E CUIDADO COM O SEXO NO BRASIL

Estudar a diversidade de gêneros e sexualidades existentes na atualidade nos coloca diante de uma miríade de formas de denominação, condensadas na sigla LGBTQIA+, que já constitui uma forma de instauração de uma identificação, visto que "[...] a nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma" (BUTLER, 2000, p. 160).

Essa denominação também é fruto de um processo histórico, em que o discurso é mobilizado como arma em um jogo polêmico e estratégico, de ação e reação (FOUCAULT, 2002). Louro (2001) faz uma investigação histórica sobre a homossexualidade e considera-a, assim como o sujeito homossexual, uma invenção do século XIX. Antes, as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero eram reduzidas ao pecado, concebidas como anormais, sob um julgamento moral, e precisou ser segregada, sob o risco da violência, por serem consideradas práticas desviantes e de sujeitos inferiores.

A propósito dessa visão moral sobre as práticas sexuais, Foucault (2019) nos mostra de que maneira a literatura cristão elaborou uma série de exegeses das Sagradas Escrituras, estabelecendo regularidades com a moral da Antiguidade greco-romana e com o discurso da natureza, para formular argumentos de que existem práticas sexuais tidas como "natura" e "contranatura". Esses discursos alicerçaram as bases do dispositivo de aliança (FOUCAULT, 1999a), que restringiu o sexo ao casamento e regulou aspectos da vida social como a família e a transmissão de bens, que ainda hoje são objetos de lutas.

Por outro lado, as sociedades ocidentais modernas instalaram, a partir do século XVIII, o dispositivo de sexualidade, o qual "funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfas e conjunturais de poder" (FOUCAULT, 1999a, p. 101), engendra "uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle" (FOUCAULT, 1999a, p. 101) e leva em consideração "as

sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam" (FOUCAULT, 1999a, p. 101).

Foucault (1999a, p. 100) teoriza sobre a história da sexualidade, compreendendo essa última como um dispositivo histórico "em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder".

A sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder. Sua expansão foi sustentada em função da intensificação do corpo, sua valorização como objeto de saber e elemento nas relações de poder. Para Foucault (1999a), a partir do século XVIII, os discursos sobre o sexo não pararam de proliferar, pois ele está ligado a uma revelação da verdade. A prática da confissão do sexo, compreendida como a "colocação do sexo em discurso" (FOUCAULT, 1999a, p. 24) tornou-se uma regra desde a Idade Média, quando a confissão se consolidou como um dos rituais mais importantes para produzir a verdade.

A confissão se estendeu aos domínios da Medicina, da justiça, da pedagogia, das relações familiares e amorosas, entre outros, de modo que, consoante, Foucault (1999a, p. 59), a nossa sociedade se tornou "singularmente confessada". Na percepção de Louro (2001), a sexualidade se tornou uma questão científica, religiosa, psiquiátrica, antropológica e pedagógica. Com isso, a postura unicamente repressiva e condenatória cede lugar a procedimentos de descrição, compreensão, explicação, regulação, saneamento, educação e normatização, passando, primeiro, pela sua colocação em discurso.

De acordo com Louro (2001), a partir de 1970, emergem nas sociedades ocidentais grupos organizados de homossexuais que lutam por direitos. Iniciam-se de forma clandestina, e depois começam a surgir, nos Estados Unidos da América (EUA) e na Inglaterra, revistas, artigos em jornais, panfletos, teatro e artes sobre a homossexualidade.

No Brasil, os discursos em torno da homossexualidade também aparecem nesse momento, nas artes, na publicidade e no teatro, com artistas como Ney Matogrosso e o grupo teatral Dzi Croquetes. Irrompe também o Movimento de Libertação Homossexual, com sujeitos que foram exiladas durante a ditadura militar e, ao retornar, empreenderam discussões sobre feminismo, sexualidade, raça e ecologia, pululantes no cenário internacional à época.

Esse debate permite flagrar que a homossexualidade não é um bloco homogêneo, visto que é atravessada pela classe, pela etnia, pela nacionalidade, etc. As lutas da comunidade

homossexual passam a ser pela igualdade de direitos e pela afirmação da identidade. Para tanto, contrapõem-se imagens positivas desses sujeitos às representações estereotipadas das mídias.

A primeira operação passou a ser se assumir, designada como "sair do armário" (*come out the closet*). No final dos anos 1970, no Brasil, o Movimento Homossexual se organizou com jornais, reuniões de discussão e de ativismo e no âmbito acadêmico. Nesse momento, a homossexualidade se tornou também tópico de pesquisa nas universidades, acentuando-se nos anos de 1980, com apoio nas teorias de Michel Foucault.

Segundo Louro (2001), a identidade sexual, nesse momento, estava associada à preferência em manter relação sexual com alguém do mesmo sexo. Isso colocava em questão uma concepção unificada da homossexualidade, que passou a ser questionada. Ocorre, então, a multiplicação de grupos homossexuais e de propósitos em torno das práticas homoeróticas, tais como: reconhecimento, legitimação, inclusão, igualdade, ruptura com as fronteiras e dicotomias entre masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual, e também viver nessa fronteira.

Ainda nos anos de 1980, surge a Síndrome da Imunodeficiência Adquirira (AIDS, da sigla em inglês *Acquired Immunodeficiency Disease Syndrome*), que foi associada aos homossexuais e denominada de "câncer *gay*", em virtude da alta incidência nesse grupo. Com isso, houve uma renovação da homofobia e a demonstração explícita de preconceitos por alguns setores da sociedade. Por outro lado, Louro (2001, p. 545) afirma que a doença "provocou o surgimento de redes de solidariedade", unindo sujeitos atingidos por ela, seus familiares, amigos e profissionais da saúde.

No Brasil, a AIDS provocou também uma ampliação do debate sobre a homossexualidade e a difusão de informações sobre a saúde sexual e sexo seguro, cujo maior acontecimento foi a inclusão, em 1996, dessa temática como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), questão ainda hoje polemizada por setores conservadores que acreditam que falar sobre sexo acarreta o fazer o sexo precocemente.

Também nos anos de 1990, a realização da Parada do orgulho LGBT de São Paulo, desde 1997, foi fundamental para consolidar pautas político-sociais que dão tema ao evento, pois, a despeito de muitas considerações sobre o seu caráter carnavalesco, as dinâmicas dos movimentos sexuais foram importantes para promover mudanças nas teorias e também se alimentaram delas. Esse evento deu visibilidade e dizibilidades para as questões de gênero e sexualidade.

As teorizações atuais sobre sexualidade bebem nos escritos de Foucault sobre a proliferação de discursos sobre o sexo e de formas de se falar sobre ele, de se extrair uma verdade do sexo. É nessa fonte que Butler (2000) e Louro (2001) bebem. É esse arsenal teórico que mobilizaremos, para empreendermos nossa discussão sobre o governo de si e do outro a partir dos clipes de Pabllo Vittar nos quais emerge o discurso do cuidado com a saúde sexual da população LGBTQIA+.

"SEU CRIME" E "CORPO SENSUAL": ANÁLISE DOS CLIPES DE PALLO VITTAR

O clipe da música "Corpo sensual" (2017), com duração de 2min58s[4], põe em visibilidade a erotização dos corpos de Pabllo Vittar e Mateus Carrilho[5]. O clipe se passa num cenário que lembra uma cidade do interior, com residências com cadeiras na calçada, uma igreja e uma pequena praça típicos dessas espacialidades. Na ficha técnica do vídeo, disponível na descrição do YouTube, há um agradecimento à Prefeitura Municipal de São Bento do Sapucaí/SP, informação que nos permite inferir que a gravação ocorreu nesta cidade.

O vídeo inicia com um *close* no púbis de Pabllo, acentuando uma parte do corpo que é o centro da cena da maioria dos clipes de cantoras *pop* femininas, alternando com *closes* nos glúteos, parte predominante na constituição erótica da música *pop* brasileira. Pabllo canta e rebola ao som da música enquanto descasca uma maçã, símbolo do pecado original de Eva no Paraíso, conforme a mitologia judaico-cristã (GREENBLATT, 2018), e avista Carrilho em um carro. Os cabelos longos e loiros de Vittar acompanham o ritmo frenético da dança por ela executado.

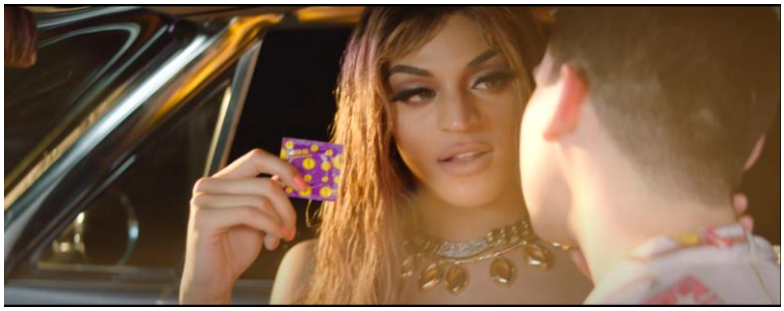
Em outro quadro, Vittar sensualiza em um bar, onde dança com Mateus. Os dois encenam a erotização dos seus corpos e a cena seguinte traz Pabllo em uma cama. O corpo da cantora é inspecionado pela câmera, esquadrinhado e dado a ver como um corpo sexualizado, com movimentos atinentes ao ato sexual. Na cena que recortamos para análise, a partir de 1min51s, Pabblo e Mateus estão dentro de um carro. Enquanto Carrilho desliza as mãos pelas pernas de Vittar, já apresentado como um corpo erotizado, um conjunto de cenas materializa a letra da música, expondo ao olhar o corpo de Pabllo atravessado de história. Na letra, ouvimos: Viro sua mente com meu corpo sensual/Minha boca é quente, vem/Não tem igual/Tá todo carente no pedido informal/Vai passar mal (VITTAR, 2017, s.p.). O sujeito enunciador na letra

[4] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q6Lw6k7k9Rk. Acesso em: 20 set. 2020.
[5] Cantor e compositor brasileiro do gênero eletrobegra. Ganhou destaque como vocalista do trio Banda Uó, com quem dividiu os palcos com Davi Sabbag e Candy Mel.

revela o teor de erotismo que assinala o clipe. Conforme podemos analisar, o sujeito reconhece os seus atributos eróticos (corpo, sensual, boca quente, não tem igual) e os efeitos gerados no outro (ficar carente e passar mal).

De volta ao carro, em 2min3s, Pabllo sensualiza em resposta à erotização de Carrilho e é enunciada como um sujeito temperante, isto é, que governa a si e regula seus prazeres sexuais (FOUCAULT, 2019). Ela o empurra, sinalizando que a conduta sexual precisa se adequar às normas de sanitização estabelecidas pelas estratégias biopolíticas (FOUCAULT, 1999a). Pabllo pega, no porta luvas do carro, um preservativo e mostra para Carrilho, este de costas para a câmera, que é o mediador dessa ordem do olhar, cujo destino final é o espectador a ser governado, conforme imagem 1 adiante.

IMAGEM 1 – CLIPE "CORPO SENSUAL"



Fonte: Youtube.

No quadro seguinte, os dois já estão no quarto, sobre a cama. Alguns objetos da cenografia, como os batons de Pabllo, compõem uma discursividade da erótica fálica, indicando que é de uma sexualidade masculina que se enuncia na letra. O último quadro apresenta os corpos dos dois em um carro e Pabllo está com os cabelos molhados, indicado a consecução do ato sexual e higienização dos sujeitos.

Voltando à cena recortada, vale salientar que o preservativo mostrado por Pabllo é fornecido gratuitamente pelo governo federal, distribuído em instituições de saúde, de modo a controlar os índices epidêmicos dos contágios por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), da qual destacamos aqui o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV, da sigla em inglês para *Human Immunodeficiency Virus*).

Nesse clipe, Pabllo lança mão de uma estratégia biopolítica de induzir comportamentos tidos como saudáveis na ordem do discurso da contemporaneidade, de modo não explícito (FOUCAULT, 2013a). Essa estratégia faz também parecer que se trata de uma campanha oficial

do estado, pois essa pedagogia do cuidado com a saúde é exercida com a governamentalidade propriamente dita, na medida em que é um produto resultante da ação do governo federal, dentro de uma campanha biopolítica oficial, que materializa esse cuidado com a saúde sexual.

Além disso, essa estratégia diz acerca do público LGBTQIA+ que se trata de um domínio heterogêneo, mas também é um espaço habitado por muitos sujeitos vulneráveis, com pouco poder aquisitivo, resultado de uma série de processos discriminatórios e excludentes, que leva muitos a abandonarem as escolas, não terem possibilidades de ascensão socioeconômica e também a serem expulsos dos lares pelas famílias, dedicando-se a atividades profissionais mal remuneradas e até mesmo à prostituição. Ou seja, trata-se de corpos que precisam ser regulados conforme a norma social das biopolíticas.

Ciente do fato de que a população LGBTQIA+ é vulnerável e que muitos dos seus fãs não podem ir a seus shows, Pabllo Vittar declarou, em entrevista ao jornal Estadão, em agosto de 2020, que não faria um show *drive-in*, que ocorre a céu aberto e com os espectadores dentro do carro para evitar o contágio pelo novo coronavírus, como segue: "Primeiramente, para isso a pessoa tem que ter carro. Quem tem carro no Brasil? Não tem como eu subir num palco sabendo que tem um monte de gente que não está nem podendo trabalhar. Essa não é a energia que quero pra mim" (UOL, 2020, online).

Por essa razão, Pabllo se enuncia como alguém que ajuda a suprir a falta de informação sobre a saúde sexual, ao mesmo tempo em que insinua a liberação sexual. É na ordem do discurso médico, do sexo seguro, que Pabllo se inscreve como sujeito que governa. De acordo com Louro (2001, p. 545), o combate às infecções sexualmente transmissíveis utiliza discursos a respeito da sexualidade que se dirigem "menos às identidades e se concentram mais nas práticas sexuais (ao enfatizar, por exemplo, a prática do sexo seguro)".

Ao mesmo tempo, as remanências de inúmeros preconceitos, inclusive de associação dessas doenças com a homossexualidade, dada as descontinuidades da história (FOUCAULT, 2008), justificam a emergência desse discurso, e não outro em seu lugar, pois esse vídeo se constrói a partir de uma erótica homossexual, direcionando-se a esse público em potencial, diferente do segundo clipe que analisamos, no qual o campo de memória para a sua constituição é o *carpe diem* (aproveitar o dia).

Enquanto no clipe anterior, tem-se apenas Pabllo e Carrilho sensualizando seus corpos e materializando, de diferentes modos, os prazeres sexuais, não sem induzir a um uso

temperante desses prazeres, no clipe "Seu crime" (2019),[6] com 3min10s de duração, recorre-se à discursividade do *carpe diem*[7] para colocar em visibilidade jovens em festas. O clipe abusa de *merchandising* de cervejas e preservativo, além da exploração da diversidade de etnias e sexualidades.

Nesse clipe, Vittar encena uma "diva" que vai em busca de um "boy", conforme descrevem os créditos finais. Ele está andando a cavalo, perseguido por ela, de carro. Pabllo recorre à fantasia sadomasoquista para se enunciar como sujeito da sexualidade. Um dos quadros mostram pessoas jovens, de diversas etnias e sexualidades dançando em uma festa, inclusive Pabllo, com *closes* em suas nádegas.

Na sequência de uma cena de beijo entre dois homens, aos 37 segundos do clipe, Pabllo, de peruca loira, e uma modelo negra pegam um pacote de preservativo, dessa vez de uma famosa marca britânica, como mostramos na imagem que segue.

IMAGEM 2: CLIPE "SEU CRIME"



Fonte: YouTube.

Essa cena é seguida por movimentos intensos de dança e de erotização do corpo de Vittar, de modo que sua identidade é, constantemente, transferida do rosto para as nádegas. A diva sádica que Pabblo encena prende o "boy", que chega a cavalo à festa em que ela está, e o conduz às suas fantasias sexuais.

Nesse segundo clipe, o governo de si e do outro é exercido a partir de uma outra discursividade, que é a da comercialização de produtos para o cuidado com a saúde sexual.

[6] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qTEQ7ITxTs0. Acesso em: 20 jul. 2020.
[7] Trata-se de parte de uma frase latina "*carpe diem quam minimum credula póstero*", de Horácio. No contexto de queda do Império Romano, a frase bebia de fontes estoico-epicuristas e defendia a necessidade de aproveitar o momento, já que o futuro é intrinsecamente incerto e obscuro.

Nesse enunciado, utiliza-se uma estratégia da publicidade, também sujeita às mutações históricas, que a fez ser cada vez mais sutil ao enunciar os produtos pela identificação dos consumidores com os discursos veiculados.

A ordem do discurso econômico é acionada para a sanitização do sexo e a regulação dos prazeres entre os jovens, que se integram ao grupo posto em visibilidade nesse clipe. Aqui, não se trata apenas da erótica homossexual, mas, sim, de uma diversidade de práticas sexuais. Essas práticas também passam pela lógica da lucratividade que perfaz a sociedade capitalista neoliberal, em que o cuidado de si não é acessível a todos.

O modo de enunciar o corpo jovem e sua sensualidade e sexualidade em "Seu crime" mantém regularidade com outros videoclipes que incitam a aproveitar o dia. Citamos, por exemplo, os clipes de "*We are young*", da banda Fun com a cantora Janelle Monáe, "*We can't stop*", da cantora Miley Cyrus, e "*Glad you came*", da banda The wanted, dentre outros, nos quais jovens bebem, dançam, sensualizam e encenam atos sexuais. Entretanto, nesses clipes não se utiliza a biopolítica (FOUCAULT, 1999a, 1999b) como estratégia de cuidado com a saúde sexual, como se somente os homossexuais fossem suscetíveis a contrair doenças sexuais.

A explicação para a raridade desse enunciado (FOUCAULT, 2008), ou seja, para o fato de aparecer esse discurso e não outro em seu lugar relacionado à população LGBTQIA+, repousa nos dados estatísticos quem fomentam a ação do biopoder (FOUCAULT, 1999b). O Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde (DCCI/SVS/MS) publica anualmente um boletim epidemiológico de HIV/Aids, com dados nacionais, regionais, estaduais e por capitais, de modo a difundir informações que contribuam com o controle epidemiológico e orientar as tomadas de decisões. Esses dados levam em consideração a idade, o sexo, a cor/raça, escolaridade e a região de habitação e distingue os casos de AIDS, HIV e os óbitos decorrentes de AIDS.

Essas notificações são analisadas desde 2014, com dados de 2007 ao ano de divulgação. O último boletim, divulgado em dezembro de 2019, aponta que, no período de 2007 a 2019, foram notificados no Sinan 300.496 casos de infecção pelo HIV no Brasil. No tocante ao recorte por sexo, foram notificados 207.207 (69,0%) casos em homens e 93.220 (31,0%) casos em mulheres. Em relação à faixa etária, a maioria dos casos ocorreram em pessoas de 20 a 34 anos, representando 52,7% dos casos. O boletim atesta a dificuldade de avaliar os dados por escolaridade, por esse fator não ter sido levado em conta na maior parte das notificações, mas os casos registrados apontam que a maior parte possuía ensino médio completo, representando

20,7% do total. Com relação à raça/cor, 40,9% ocorreram entre brancos e 49,7% entre negros (pretos e pardos).

Esses dados também apontam que, entre os homens, 51,3% dos casos ocorreram entre homossexuais ou bissexual e 31,4% entre heterossexuais. Desse total de homens, 2,0% se deram entre usuários de drogas injetáveis (UDI). Entre as mulheres, 86,5% dos casos ocorreram entre heterossexuais e 1,4% entre UDI.

Poderíamos citar dados de outras ISTs, mas preferimos registrar apenas esse, dada a historicidade da associação com o público LGBTQIA+. Esses dados ratificam a existência de situações de vulnerabilidade e risco, que se associam ao preconceito, fazendo com que o cuidado de si não seja acessível a todos. Esse cuidado não é um simples anódino, mas, sim, uma indústria, que promete juventude, longevidade, bem-estar e segurança, a partir de uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 1999b), que não está ao alcance financeiro de todos.

No domínio dos objetos e temas, ambos os clipes mantêm regularidades com "Não pode esquecer o guanto", clipe da travesti paraense Leona Vingativa, mas esse último é mais explícito nas estratégias biopolíticas, ao passado que nos primeiros utilizam-se tais técnicas como táticas (FOUCAULT, 2013a), ou seja, de forma mais sutil, quase imperceptível ao olhar do espectador. Leona utiliza uma linguagem paródica e de escracho, com uma versão da música "No meio do pitiu", da também paraense Dona Onete, para se constituir como sujeito que governa pelo riso.

Dessa maneira, podemos considerar a sexualidade uma questão de domínio artístico que se articula às estratégias do biopoder para regular a sanitização das práticas sexuais. Pabllo Vittar é um sujeito autorizado a regular os padrões de sanidade das práticas sexuais da população LGBTQIA+, ao reivindicar para si as verdades e a ética da sexualidade (LOURO, 2001), utilizando-se de sua visibilidade expressa em números de seguidores, ouvintes e espectadores que possui em plataformas digitais e redes sociais.

O corpo de Pabllo é "arruinado de história" (FOUCAULT, 2013c), na medida em que é resultado das formas de coerção da sociedade em torno dos prazeres sexuais, mas também é um corpo que está arruinando essa história, ao possibilitar novas posturas aos sujeitos, promovendo uma insurreição de identidades por tanto tempo reprimidas. A escalada desse poder de visibilidade e audibilidade é contraditória, pois, ao mesmo tempo em que causa aceitação entre setores sociais, que passam a consumir os produtos da cultura dessas diversidades sexuais, há também uma renovação dos ataques de setores conservadores, que clamam pelos valores tradicionais da família e também partem para agressão e violência, como alerta Louro (2001).

Sendo a sexualidade objeto de discursos, de saberes, de poderes e prazeres, a hipervisibilidade da diversidade sexual dá novos contornos às estratégias políticas de acender o orgulho para esses sujeitos que sofrem pressões sociais. Pabllo Vittar é alguém que conduz a esse orgulho pela confissão das suas práticas sexuais como temperantes e pela utilização de uma sutil pedagogia de cuidado com a saúde sexual como estratégia de governo de si e do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco deste artigo incidiu sobre o modo de enunciar o cuidado com a saúde sexual para a população LGBTQIA+ e as condições de emergência desse discurso e não outro em seu lugar, a partir dos postulados foucaultiano. Para tanto, analisamos dois clipes da cantora Pabblo Vittar (Corpo Sensual e Seu Crime), os quais encontram-se disponíveis no *YouTube*. Conforme foi evidenciado no decurso da análise, na audivisualidade dos clipes, é possível notar estratégias discursivas distintas na produção enunciativa sobre saúde sexual, mas ambas parecem comungar para um mesmo fim: levantar a bandeira do sexo seguro no âmbito da população LGBTQIA+, principalmente por meio da exibição de preservativos.

Nessa lógica, enquanto em *Corpo sensual*, o modo de enunciar a saúde sexual está articulado a campanhas que poderiam ser veiculadas pelas diversas instituições do governo, haja vista que se trata de um preservativo distribuído gratuitamente na rede pública de saúde, em Seu Crime, o cuidado com a saúde reveste-se de feições mais comerciais, tendo em vista que o preventivo mostrado pertence a uma empresa. Ainda que sejam tônicas um pouco diferentes na construção da cena enunciativa, figura o funcionamento de um governo de si e do outro, pois, ao exibir o preservativo, Pabblo se coloca na posição de um sujeito precavido em relação à saúde sexual e, com isso, incentiva os que assistem ao vídeo, a procederem com semelhantes posicionamentos, de modo a gerir o corpo populacional, em especial aos sujeitos LGBTQIA+, majoritariamente marginalizados na sociedade, na relação com a sexualidade e a promoção da saúde, constituindo, assim, as condições de emergência desse discurso ou não de outro em seu lugar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Boletim Epidemiológico de HIV e Aids 2019**. Secretaria de Vigilância em Saúde/Ministério da Saúde. Brasília, DF, 2019. Disponível em: http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019. Acesso em: 21 ago. 2020.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 2000, p. 151-174.

CODINHA, Alessandra. O que Pabllo Vittar significa para o Brasil (e para o resto do mundo) agora. **Vogue**. Rio de Janeiro, moda, 29 nov. 2018. Disponível em: https://vogue.globo.com/moda/noticia/2018/11/o-que-pabllo-vittar-pop-superstar-significa-para-o-brasil-e-para-o-resto-do-mundo-agora.html. Acesso em: 21 ago. 2020.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade** *1*: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975/1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. p. 285-315.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 231-249.

FOUCAULT, M. Governamentalidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013a, p. 407-431.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013c. p 55-86.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 4**: as confissões da carne. Edição estabelecida por Frédéric Gros. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2019.

GREENBLATT, S. **Ascenção e queda de Adão e Eva**. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GREGOLIN, M. do R. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso**: diálogos e duelos. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

LOURO, G. L. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 541-553, 2001.

MANFRENATO, Isabella. Que poder? Pabllo Vittar é eleita uma das "líderes da próxima geração" pela revista Time, e não poupa críticas a Jair Bolsonaro em entrevista: 'sinto muita vergonha'. Hugo Gloss. São Paulo, **UOL famosos**, 10 out. 2019. Disponível em: Acesso em: https://hugogloss.uol.com.br/famosos/que-poder-pabllo-vittar-e-eleita-uma-das-lideres-da-proxima-geracao-pela-revista-time-e-nao-pouca-criticas-a-jair-bolsonaro-em-entrevista-sinto-muita-vergonha/. 21 ago. 2020.

MILANEZ, N. **Audiovisualidades**: elaborar com Foucault. Londrina, PR: Eduel; Guarapuava, PR: Ed. Unicentro, 2019.

PABLLO VITTAR - CORPO SENSUAL (FEAT. MATEUS CARRILHO) (VIDEOCLIPE OFICIAL). [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (2 min 27 seg). Publicado pelo canal Pabllo Vittar. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q6Lw6k7k9Rk. Acesso em: 20 ago. 2020.

PABLLO VITTAR DIZ QUE NÃO FARÁ SHOW DRIVE-IN: 'Quem tem carro no Brasil?'. **UOL**. São Paulo, Música, 11 ago. 2020. Disponível em: https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/08/11/pabllo-vittar-show-drive-in.htm. Acesso em: 20 ago. 2020.

PABLLO VITTAR É ESCOLHIDA COMO UMA DAS LÍDERES DA PRÓXIMA GERAÇÃO PELA TIME. **Amazonas Atual**. Manaus, Variedades 11 out. 2019. Disponível em: https://amazonasatual.com.br/pabllo-vittar-e-escolhida-como-uma-das-lideres-da-proxima-geracao-pela-time/. Acesso em: 21 ago. 2020.

PABLLO VITTAR - SEU CRIME (OFFICIAL MUSIC VIDEO). [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo. (3 min 10 seg). Publicado pelo canal Pabllo Vittar. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qTEQ7ITxTs0. Acesso em: 20 ago. 2020.

TORRES, LEONARDO. Pabllo Vittar fala sobre sua influência no público infanto-juvenil. **Pop line**. São Paulos, 20 nov. 2018. Disponível em: https://portalpopline.com.br/pabllo-vittar-fala-sobre-sua-influencia-no-publico-infantojuvenil/. Acesso em: 21 ago. 2020.